

INQVE

Edição 2
Out/Nov
2019



Arte da capa: Pedro S. Freire (99C)

Editorial

A reconstrução do campo e a praticidade do drive

A Inove entra em consenso ao dizer apoiamos a reforma e superou grandes expectativas acerca do drive e, como alunos, todo esse espaço deve agora ser sim mais aproveitado.



O Colégio salesiano sempre teve um certo peso em grandes áreas de trabalho. Uma escola grande, com uma infraestrutura imensa, uso da tecnologia com os alunos desde os 12 anos, mais de 5 quadras em toda a dependência salesiana, um campo de grama, uma pista de corrida monumentais... pera, isso não mais!

A direção executiva junto com a educacional do Colégio salesiano Santa Terezinha botou em prática uma decisão bem repentina pouco antes do começo das férias de julho de 2019: o replanejamento do campo e da pista de corrida para a ampliação do drive, a criação de uma quadra de futebol Society de grama sintética, a reforma da pista de salto em areia e uma mini e cinza faixa de atletismo. A manifestação dos alunos sobre essa atitude não foi lá das melhores logo de primeira. Mas com o passar do tempo, a opinião pública pode ter consentido com todas as reformas.

Considerando a opinião popular dos alunos do nono, está tudo bem dividido. Ao entrevistar 30 alunos, 14 discordavam e 16 concordavam com as obras no campo. Já com funcionários do próprio Colégio, a história é diferente: em 12 pessoas entrevistadas, apenas uma não concorda com a reforma. E isso é totalmente entendível, já que é visível a praticidade que a reforma trouxe para o drive e a ampliação do uso do estacionamento para as vans escolares e para os empregados da escola. Porém, a maioria dos entrevistados, cerca de 70%, não diz que concorda com a ação, e sim que diz que "aceita" ou "entende" toda a reforma, mas que acham sim que foi uma medida muito radical.

Em geral, argumentos usados para "consentir" com a reforma do campo

é que a utilização da pista e do gramadão era inexistente, ou seja, era um monte de espaço inutilizado no colégio. Isso é um problema fácil de resolver: como visão de aluno, nós só tivemos um uso real e divertido há muito, muito tempo, em torno de 6 a 7 anos atrás. Por que não incentivar o uso desses espaços? Outro argumento é que o campo já estava bem danificado, com formigueiros e cheio de buracos. Um problema velho já, que se tivesse um cuidado maior e regular, isso não seria um problema. Já o drive, esse é sim o resultado esperado da obra, uma maior praticidade e viabilidade do tráfego interno. Sendo como principal objetivo, essa reforma se destaca justamente por dar um up nesse sistema que era bem precário na escola, diminuindo toda a poluição sonora causada por buzinas e xingamentos!

A Inove entra em consenso ao dizer que apoiamos a reforma e que superou grandes expectativas acerca do drive. Como alunos, sabemos que todo esse espaço deve agora ser sim mais aproveitado. Por mais que o campo tenha sido considerado como a "cara do Salê" e toda cimentação feita no lugar do gramado tenha tirado bastante o verde da escola, não é difícil perceber as melhoras, que não foram pequenas. Toda essa obra feita deve ser olhada com outros olhos: a beleza está na praticidade e na organização dada a nós!

Tem coisas que só quem é

Salesiano entende

**Semana Missionária
... sua visão de mundo
mudou totalmente, passou a
valorizar o que tem ...**



A semana missionária é um evento que ocorre durante o mês de julho, nas férias, em que a Pastoral leva diversos alunos do Ensino Médio para algum local carente durante uma semana, com o objetivo de visitar moradores locais e fazer orações, uma vivência comunitária para pensarmos mais no próximo. Essas pessoas passam por necessidades e os alunos espalham a palavra de Deus.

Entrevistamos Matheus Zanetti, um aluno do Segundo Ano do Ensino Médio que participou da semana missionária e nos contou sua vivência. Ele disse que foi uma experiência única, só quem

participou entende a sensação que se sente em vários momentos. Enquanto a semana passa, vai entendendo o que é ser um Salesiano, como pequenas atitudes ajudam pessoas. Em seguida, disse que a sua visão de mundo mudou totalmente, passou a valorizar o que tem e percebeu que a sua presença na cidade visitada, Morungaba, foi de grande importância.

Vitor Ribas (9ºA)

Crítica de arte

Game: *A hat in time*

O jogo explora diversos aspectos sociais de maneira sutil.



A hat in time é um jogo de estilo plataforma em 3D que foi desenvolvido pela empresa individual *Gears for breakfast* e publicado pela plataforma *Humble Bundle* em 2015. Foi financiado por uma campanha no *Kickstarter*, um site de financiamentos coletivos, e inspirado em famosos jogos do gênero, como *Super Mario Sunshine*, *Super Mario Galaxy* e *Banjo-Kazooie*.

A protagonista do jogo não tem nome próprio revelado e os outros personagens se referem a ela como “criança do chapéu”, que na verdade é um alienígena com fisionomia similar a de uma criança humana. A narrativa do jogo acontece devido à personagem principal ter perdido suas amuletos mágicos do tempo, que servem de combustível para a sua nave. Os eventos acontecem conforme ela encontra esses artefatos que estão espalhados por um planeta para tentar voltar para sua casa.

A hat in time é uma experiência incrível! O jogo explora diversos aspectos sociais de maneira sutil. Os capítulos, que são 5 originais e 2 vindos de DLCs (downloadable content), nunca nos fazem sentir como se estivéssemos fazendo a mesma coisa, todos tem seu charme e diferenças; em um momento você está enfrentando mafiosos cozinheiros e no outro está fazendo filmes para pássaros. Isso sem contar as faixas opcionais que apresentam algo mais sobre a história do jogo, porém eu sinto que alguns dos níveis não foram trabalhados ao seu potencial máximo ou que eles eram um pouco confusos.

Os personagens possuem muito carisma e personalidades distintas, com uma profundidade tremenda que se expressa de forma sutil por meio de diálogos ou das fases adicionais mencionadas anteriormente, com todos possuindo algum tipo de tristeza, ansiedade ou medo, fazendo parecer, de certa forma, que você é só um espectador para como eles lidam com esses problemas.

As músicas do jogo são ótimas e ajudam muito a definir e a melhorar o “humor” da cena, com cada localização tendo música própria. Os locais também possuem muito charme e, mesmo sendo relativamente simples, ainda nos fazem sentir imersos.

Eu recomendo *A hat in time* para qualquer pessoa, é um jogo extremamente casual e que pode ser apreciado por praticamente todo mundo. É muito divertido e possui momentos emocionais marcantes, além da *Gameplay* sólida, e, mesmo com algumas falhas, ainda é um ótimo jogo a que você deveria dar uma chance.

João Palma (9ºD)

Perfil

GianP

Entrevista com o jovem músico Gianluca, estudante do 9ºF que conta um pouco sobre sua carreira e planos sobre as melodias



Revista19: Como você iniciou a carreira de músico?

Gianluca: Tudo começou quando eu percebi que estava escrevendo muitos textos sobre diversos temas e decidi encontrar uma forma mais expressiva de mostrar isso, era uma fase em que eu vivia escutando música no fone e percebi que tinha uma certa vontade de tentar fazer aquilo do meu jeito e com os meus objetivos, eu abri o gravador do celular e não parei mais, foi tudo muito rápido.

Revista19: Você tem uma rotina para gerenciar seu trabalho com a escola e hobbies?

Gianluca: Não tenho uma rotina certa e que siga sempre, minha rotina é gerenciada

conforme os compromissos que eu tenho, por exemplo no mês de outubro onde tive que gerenciar meu estudo para as provas com as gravações do meu álbum com lançamento para novembro, eu tive que separar meus horários e conseguir fazer tudo certo, normalmente procuro estudar de tarde e depois gravar, produzir tudo que eu preciso, assim tudo fica mais fácil e tranquilo.

Revista19: Como você se sente compondo e gravando, principalmente na sua idade?

Gianluca: Eu sinto que represento muitos jovens que às vezes querem falar o que sentem, que ficam confusos com todos os altos e baixos da adolescência e que ficam com um certo medo de mostrar quem são e como são.

Revista19: A música influencia alguma coisa na sua vida pessoal, entre sua família e amigos?

Gianluca: Com certeza, a música é um ponto muito importante no meu relacionamento social, principalmente com familiares. Hoje consigo me expressar melhor e me sinto confortável em mostrar meus sentimentos por eles. Após começar a fazer música eu encontrei um jeito de ser, de mostrar quem eu sou e uma distração ótima para qualquer tipo de problema.

Revista19: Você imaginou que faria as músicas que você tem hoje?

Gianluca: Eu nunca tinha imaginado nada disso, nunca pensei que iria entrar para a música e muito menos cantar, tudo aconteceu muito naturalmente e com o tempo fui percebendo que é isso que me faz bem e é o que eu quero fazer.

Revista19: Onde você espera chegar?

Gianluca: Não existe um certo lugar onde quero chegar. Independente de números, o meu maior desejo é conseguir fazer o dia de alguém um pouco melhor e orgulhar meus pais, que sempre me apoiaram em qualquer coisa que eu faço. As visualizações e a grande visibilidade com certeza são grandes sonhos e metas, mas nada é maior do que o orgulho de quem eu amo.

Revista19: Quais foram suas inspirações?

Gianluca: Minhas inspirações não são só musicalmente, eu sempre me inspirei nos meus avós e em quem traz felicidade para as pessoas, já musicalmente eu procuro um pouco de cada gênero musical e valorizo muito a música nacional em geral.

Revista19: As pessoas te apoiam?

Gianluca: Desde o começo eu escutei muitas críticas e palavras que não eram legais de escutar, porém eu nunca me abalei pois sei que no mundo da internet isso infelizmente sempre vai acontecer e eu sempre procuro enxergar o lado bom em todas as coisas, isso fez com que eu não me desanimasse e só ficasse cada vez mais forte e melhor no que faço, de certa forma a falta de apoio me fez bem.

Fala, Mestre!

Gramática e Literatura com a Mabel

No ensino médio, acho que como as coisas vão começar a ficar mais específicas, é natural ter uma parte da língua portuguesa como gramática e outra só da literatura.



Maria Isabel Bento de Oliveira Lima, apelidada carinhosamente pelos alunos de Mabel, é a professora de Língua Portuguesa e de Literatura das 1^{as} séries do Ensino Médio do Salê. Ela leciona há 22 anos no Governo do Estado de São Paulo e está no Salesiano desde 2011.

Revista 19: O que você acha desse choque de divisão da matéria (Língua Portuguesa) que ocorre no Ensino Médio? O que você acha que isso pode causar nos alunos?

Mabel: Acho que no Ensino Fundamental ver a língua portuguesa como um só bloco faz sentido. Já no Ensino Médio, acho que como as coisas vão começar a ficar mais específicas, é natural ter uma parte da língua portuguesa como gramática e outra só da literatura. É um momento do aluno em que começa a separar as coisas e vai criando uma noção de que isso pertence a tal ramo de estudo, e isso pertence a outro. Lógico que isso não impede de que eu procure a trabalhar com a literatura unicamente, que para mim é a cereja do bolo. A melhor parte de toda a escola é a literatura, que me desculpem os meus colegas, mas a literatura entra em todos os ramos da ciência. Biologia, História, Geografia, sem contar o impacto cultural. O que a gente aprende de vida com a Literatura é uma coisa impagável.

Revista 19: O tipo de Literatura que você expressa nas aulas é em geral brasileira ou estrangeira?

Mabel: Tudo depende da especialidade do professor. Sou especialista em Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa. Conheço um pouco da

Literatura Africana, mas, infelizmente, não sou especialista nisso. Na faculdade tive uma noção da Literatura Africana e aprendi um pouco mais fazendo cursos por minha conta e a partir das minhas próprias leituras. Adoraria trabalhar Shakespeare, mas não sou especialista. O que eu falo de Shakespeare, o que falo às vezes da Literatura Grega, que conheço um pouco também, é baseado nas minhas pesquisas.

Revista I9: O que você define como Literatura?

Mabel: Literatura é um momento histórico. Não tem como falar, por exemplo, de Machado de Assis sem saber a época que ele viveu. Se você não souber, não vai entender metade do que ele escreveu. Sem perceber as ironias, sem perceber por que ele coloca o homem da forma que ele coloca. Então você tem que saber um pouco da história, saber um pouco da biografia para saber o porquê dessa pessoa chegar onde chegou, o motivo de ter usado aqueles personagens. É todo um contexto que vai fazer a Literatura.

Revista I9: Como você procura incentivar o desenvolvimento e o interesse dos jovens na leitura?

Mabel: Eu infelizmente tenho consciência que não consigo contagiar 100% da sala, mas garanto que contágio uns 25%. Porque sou uma professora que trabalha com Literatura, mas não sou romântica, eu sou realista. Sei que muita gente acha a leitura uma coisa chata, cansativa, ela não é uma coisa colorida, ela é você e o papel, e o papel geralmente é uma coisa clara com letras escuras. Eu procuro fazer com que o aluno mergulhe naquele universo. Então tenho a grata satisfação de perceber que alguns chegam para mim e dizem “nossa, mas tem tudo isso nesse tantinho de coisas que você mandou a gente ler”, eu falo “tem e tem muito mais, e se você assistir a minha aula no ano seguinte, vai descobrir coisas diferentes”. Sou bastante honesta e digo “gente, isso eu vi agora, não tinha visto isso antes”. Passando por 4, 5 salas repetindo o mesmo texto nunca é a mesma leitura. A leitura é um rio. Você nunca lê um livro do mesmo jeito. A minha paixão pelos livros acaba entusiasmando alguns alunos.

Culturando

Liberdade

...após a colonização japonesa no lugar em 1912, que se instalaram, inaugurando lojas e escolas, o distrito foi mudado e conta com atrações.



O bairro da liberdade é um distrito do centro de São Paulo que foi fundado no século XIX. É a maior comunidade japonesa do país e um grande local turístico. A história do bairro começa como um local de execução por força, seguido por refúgio de escravos. Mas após a colonização japonesa no lugar em 1912, que se instalaram, inaugurando lojas e escolas, o distrito foi mudado e conta com atrações.

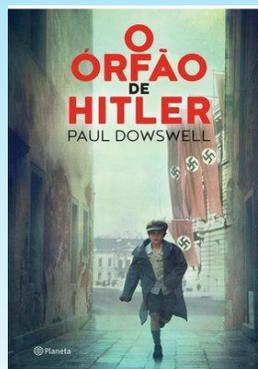
Para se divertir tem muito mais de um lugar, começando pelas lojinhas, que estão em todo lugar, sendo elas abertas ou fechadas, o bairro tem a feirinha que vende diversos tipos de acessórios, vestimentas etc. E temos as lojas em si que vendem todo tipo de coisa oriental maluca, por exemplo: blusas, katanas, mangás, comidas de todos os tipos, material de pintura e desenho etc.

Depois de comprar coisinhas, você pode passar nos pequenos parques e museus, como o museu de imigração japonesa, que engloba diversos objetos do dia a dia dos imigrantes e registros escritos sobre a experiência e história do não tão distante século XX. Logo após o museu, temos o jardim oriental que mostra uma diversidade de plantas e peixes tradicionais do oriente.

O bairro também apresenta diversos restaurantes, tradicionais ou não do Japão, como o Tanka restaurante ou até mesmo um McDonald's. O ambiente em si é muito bom, possui uma grande variedade de entretenimento e cultura. Apesar de ser bem lotado na maioria do tempo, em geral é uma boa sugestão de viagem caso você tenha um tempinho sobrando.

João Chaguri (9°F)

Dica de leitura



O órfão de Hitler

Nele é retratada a questão do preconceito, xenofobia e eugenia...

O escritor inglês Paul Dowsnell traz ao leitor a história de Piotr Bruck, posteriormente Peter, um menino polonês que tem que encarar a vida sozinho após a morte de seus pais durante a ocupação nazista na Polônia. Quando Peter é mandado para um orfanato, em Varsóvia, está presente no local um médico alemão que analisava os demais órfãos para que pudessem ser adotados por famílias alemãs ou sentenciados aos temidos campos de concentração e extermínio. Peter acaba escapando de um destino certo para qualquer polonês de origem judia por conta de sua ascendência germânica...

Por que ler esse livro?

Bom, nele é retratada a questão do preconceito, xenofobia e eugenia, temas que infelizmente ainda não deixaram de ser atuais.

Leonardo Kunii (9°E)

Arte do Salê

Poemas

Azul

Sinto,
Porém não reflito
Sobre tal causa acredito,

Escrito por Lorena
Ler vale a pena

Agora vou me lembrando
De quando ela estava me contando
De quando encontrou um homem
esquisito apontando

Apontando para o sul,
Onde o céu tem a cor de
[seus olhos

Azul

(Lucas Rezende – 9º A)

Há tempos não amava como um dia amei

Há tempos não amava como um dia
amei;
Não sentia o que já senti;
Não vivia o que vivi;
O calor, a euforia, ansiedade;
O amor;
O amor que com você senti e que
com você deixei;
Sentimentos abandonados e
esquecidos com outro alguém;
Que outrora conheci e hoje
desconheço.
Agora sinto novamente;
Vivo novamente;
Amo novamente;
Tudo por culpa de duas almas;
Uma que um dia me satisfaz;
E outra que hoje me satisfaz;
Um ciclo que se quebra e se inicia.
É o fim do sofrimento e o começo do
momento que eu aguardava há
tempos...

(Autoria Anônima)

Sofro o que tenho de sofrer

sofro o que tenho de sofrer
aproveito o que tenho de aproveitar
minha vida passa sem eu perceber
só no final estou pra me arrebrantar

pensamentos de dúvidas
tristezas e magoas
não sanam minhas dívidas
que deixei com pessoas passadas

talvez eu mude tudo
ou talvez nada
mas não posso ficar mudo
tenho de seguir minha estrada

então creio em minhas companhias
e preocupações não valem nada
sofro minhas sofrências
para aproveitar minha jornada

(João Pedro – 9º F)

Você

O que eu mais quero de
você é você.
Esse é o motivo de estarmos
aqui, o nosso querer.
E se parece que eu quero
outra coisa, me desculpe.
Às vezes te quero em poesia
também. A poesia não tem
muito disso, de exatidão.

Poesia é o erro, o exagero,
o equívoco.
Mas o meu querer,
ele é certo. E é tão certo
quanto o cálculo matemático
mais simples. É tão certo
quanto eu mais você ser o
que eu mais quero.

(Autoria Anônima)

Jardins do Céu

Eu venho de uma terra longínqua.
Longas estradas percorri,
vendo e gozando das delícias tropicais.
Aspirei a fragrância das campinas,
senti a brisa beijar-me as faces,
abraçei a lua fulgurante,
bebi água em fontes milagrosas,
vomitei o fel das angústias mundanas,
estendi o meu corpo numa relva
e senti minha alma elevar-se...
Andei sem lamentações ou clamores.
Recitei poesias singelas
para imponentes montanhas
e admirei a sinfonia das andorinhas.
Um sonho, uma luz, uma vida...
Não pude mais ficar.
Acordei.
Acordei com a nítida sensação
de que estivesse visitando
os Jardins do Céu

(Autoria Anônima)

#DicaDoSale

Você gosta de música?
O aluno Vito Cerutti do
9ºD contribuiu com uma
sugestão de cifra para
tocar no violão. A música
é **Índios** do **Legião Urbana**.
Para acessá-la, leia o código
QR ao lado ou acesse o [link](#).



Salê ilustra



Maria Clara Veroneze (9°F)



Kauan de Goes (9°D)



Kauan de Goes (9°D)

Memes!



Vitor Ribas (9°A)

Aí um aluno vai lá e pergunta de novo para o professor de ele já corrigiu a prova



Vitor Ribas (9°A)

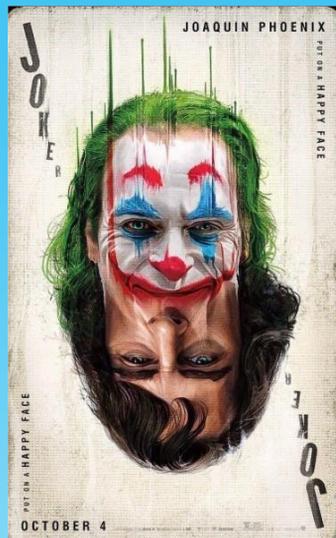


Vitor Ribas (9°A)

Crítica de arte

Coringa

O enredo não se trata apenas da origem de Coringa, trata-se de toda a construção do personagem e dos motivos e traumas que o fizeram mudar.



O filme do icônico personagem da DC, Coringa, enfim chegou ao cinema quebrando alguns recordes de bilheteria, como a maior estreia da Sony superando o filme Venom, e ainda anda enchendo várias salas de cinema e dando o que falar mesmo depois de um tempo de sua estreia. Foi dirigido por Todd Phillips, o roteirista é Scott Silver e ficou para Joaquin Phoenix interpretar o protagonista Arthur Fleck, que se transforma em Coringa.

O enredo não se trata apenas da origem de Coringa, trata-se de toda a construção do personagem e dos motivos e traumas que o fizeram mudar. A história é sobre Arthur Fleck, um comediante falido que sofre diversos problemas mentais, sociais e familiares. É possível analisar o porquê de ele começar a alterar a sua personalidade e sua antiga visão sobre o mundo.

Existe uma crítica para as classes sociais, a diferença entre o rico e o pobre, no caso do filme é a relação de Arthur com relação à família Wayne, no caso Thomas Wayne, que é um rico que não se importa com os necessitados, apenas é arrogante e faz tudo por seu próprio interesse e pretende se candidatar a prefeito. Conforme o tempo passa, o Coringa passa a ser um símbolo das classes mais baixas, várias manifestações ocorrem nas ruas com várias pessoas usando máscaras de palhaço.

O filme foi muito bem trabalhado, o enredo foi escrito muito bem e a construção do Coringa foi muito bem tratada e impactante. A trilha sonora caminha com o filme, de acordo com o momento em que o filme se encontra, a atuação de Joaquin Phoenix é impecável, seria difícil se destacar como ele fez, pois o personagem já foi interpretado por ótimos atores, como Heath Ledger. As cenas de ação são muito chocantes e as cenas de dança são uma maneira do personagem mostrar que ele se sentia livre em determinados momentos.

No Brasil, a censura foi de 16 anos, pois o filme possui um peso emocional muito grande, pois mexe com você, te incomoda. É um filme em que se fica chocado o tempo inteiro, te faz entender a visão do personagem com relação a tudo e ter dó por ele. Chega a um ponto do filme em que não se sabe o que é real e o que é imaginação do Coringa, nada é tão definido, várias coisas ficam em aberto e geram um tempo para interpretar, analisar e se questionar. Existem muitas metáforas, como as duas principais frases do filme, "Tomara que a minha morte valha mais centavos que a minha vida." e "Antes eu achava que a vida é uma tragédia, mas agora percebo que é uma comédia".

Não são só os fãs que irão gostar do filme, como ocorre com a maioria dos filmes de super-heróis. Esse é totalmente diferente, ele brinca com você e é muito interessante parar para pensar nas possibilidades que são geradas a partir da história. O Coringa é um vilão muito querido, e a criação dele nesse filme é algo nunca visto antes.

Vitor Ribas (9ºA)

**Gostou da revista?
COLABORE COM A REVISTA IN9VE
E MANDE SEUS TEXTOS, DESENHOS,
CRÍTICAS ETC. PARA O E-MAIL:**

revistai9@salesianost.com.br

E PARTICIPE!